

## **AS MULHERES E A LONGEVIDADE: efeitos em um Centro de Convivência de Idosos na cidade de Dourados-MS**

Autor Débora Martins Moreti Reis

*UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados*

debora\_moreti@hotmail.com

**Resumo:** O crescimento da população idosa é um processo caracterizado pelo aumento da longevidade populacional e ocorre de diferentes formas para mulheres e homens. Um aspecto em especial relativo à longevidade é a maior ocorrência desta entre as mulheres, por isso essa pesquisa buscou abordar o "fenômeno da feminização do envelhecimento" em um Centro de Convivência de Idosos localizado na cidade de Dourados-MS, a partir dos olhares de frequentadores do ambiente. As estratégias de pesquisa se basearam em material bibliográfico e documental, além de entrevistas com usuários e observação participante. O estudo sobre esse fenômeno se mostra importante considerando-se que, embora as mulheres idosas sejam maioria no segmento, ainda são invisíveis para as políticas públicas, razão pela qual é necessário um debate sobre o tema para viabilizar informações e planejamento de ações/intervenções mais efetivas para qualidade de vida das mulheres idosas na cidade de Dourados-MS.

**Palavras-chave:** Mulheres, Centro de Convivência, Idoso.

### **INTRODUÇÃO**

O crescimento da população idosa é um fenômeno desafiador que passou a permear discussões acadêmicas visando à melhor assimilação de suas consequências. Por isso, o envelhecimento foi escolhido para pesquisa em vista da percepção da mudança demográfica no Brasil e, principalmente devido ao reconhecimento do próprio envelhecimento, o que gera preocupações acerca de como essa fase da vida será fruída num futuro próximo.

O estudo buscou abordar o "fenômeno da feminização do envelhecimento" em um Centro de Convivência de Idosos (CCI) localizado na cidade de Dourados – MS, a partir dos olhares de frequentadores do ambiente.

As estratégias de pesquisa estão baseadas em material bibliográfico e documental (estatuto, registros oficiais, reportagens, projetos) e entrevistas com usuários, e os dados da pesquisa foram coletados também com a utilização de observação participante.

Assim, apresentam-se algumas reflexões sobre a temática, em especial em relação ao público feminino, com o intuito de fornecer uma contribuição para subsidiar o planejamento

a implantação de ações mais efetivas para a qualidade de vida de mulheres idosas na cidade de Dourados – MS.

### **Envelhecimento**

O envelhecimento é um processo universal – com formas de vivência particulares influenciadas pelos diferentes contextos culturais – que, além do indivíduo, pode afetar a família, a comunidade e a sociedade.

De acordo com Mendes *et al.*, o envelhecimento é parte do curso de vida de cada indivíduo, caracterizado por experiências peculiares e próprias de cada um, como resultado da trajetória de vida. Trata-se de um processo natural, do ponto de vista orgânico ou biológico, pelo qual há prolongamento de vida (MENDES *et. al.*, 2005).

A autora Sara Nigri Goldman entende que é um processo complexo que ocorre em cada pessoa, individualmente, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos, envolvendo as pessoas idosas e as várias gerações. Essa mesma autora, destaca que:

A velhice enquanto fenômeno social há que ser compreendida como resultante de um conjunto de determinantes econômicos, sociais, políticos e ideológicos que ocorrem na correlação de forças e contradições engendradas pelo modo de produção capitalista (GOLDMAN, 2000).

No aspecto social, o envelhecimento modifica o *status* da pessoa idosa e de seu relacionamento com outras pessoas, por vezes, decorrente de crise de identidade provocada pela mudança ou ausência do papel social que gera perda da autoestima e mudanças no âmbito familiar e comunitário, especialmente para as mulheres que culturalmente no Brasil têm grandes dificuldades de inserção no mercado de trabalho do sistema capitalista de produção e ainda maiores obstáculos ao se afastarem deste em função do avançar da idade.

Ademais, se pode argumentar que esse sistema capitalista de produção e os aspectos dele decorrentes impõem forte influência sobre a conduta humana e, por isso, esses elementos devem ser considerados para discussão e compreensão desse fenômeno na sociedade brasileira.

### **Longevidade**

A longevidade, por sua vez, refere-se à ampliação do tempo de vida e possibilidade de maior convivência familiar e intergeracional. Transformou-se em fenômeno demográfico mundial, que trouxe grandes mudanças nas áreas social, econômica e política com a revolução do sistema de valor ético e dos novos arranjos familiares no Brasil, nos quais as mulheres, cada vez mais, tem assumido o papel de chefes de família.

Esse aumento da longevidade resultou de políticas e incentivos promovidos pela sociedade e pelo Estado e suas consequências têm sido vistas com preocupações com a transferência de recursos na sociedade, colocando desafios para o Estado, as famílias e os setores produtivos (CAMARANO, 2004).

### **O fenômeno da “feminização do envelhecimento”**

Esse “fenômeno” é um aspecto da estrutura etária do Brasil e se refere ao elevado número de mulheres idosas em comparação ao quantitativo de homens. Tal situação se deve, de acordo com alguns autores, ao alto índice de óbitos entre os homens em função da resistência desse público em buscar os serviços assistenciais e de saúde, serem mais propensos a riscos de acidentes em geral, consumirem mais cigarro e álcool, conhecerem pouco o próprio organismo – e por isso não serem capazes de identificar facilmente possíveis doenças (SANT’ANA, 2014).

Nessa linha, há autores que destacam que, um aspecto particular relativo à longevidade é a maior ocorrência desta entre as mulheres, em função de cuidarem melhor da saúde e terem menor exposição a fatores de risco (PAPALÉO NETTO, YUASO e KITADAI, 2005), em conformidade tabela de dados demográficos do nosso país:

**Tabela 1- Esperança de vida ao nascer (e0), aos 60 anos (e60) e idade média ao morrer (por sexo)**

<b>Esperança de vida ao nascer (e0), aos 60 anos (e60) e idade média ao morrer (por sexo)</b>		
	2000	2009
<b>Homens (em anos)</b>		
e0	67,2	70,1
e60	18,0	21,0
Idade média ao morrer	68,7	70,5
<b>Mulheres (em anos)</b>		
e0	74,8	78,9
e60	21,3	2,7
Idade média ao morrer	71,0	73,3

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 1980, 1991 e 2000; Ministério da Saúde (DATASUS/SIM)

Em consonância com essa ideia, Guita Grin Debert, destaca que:

[...] por enfrentar mudanças drásticas no seu organismo, como gravidez, lactância, menstruação e outros, a mulher se adapta melhor às mudanças na velhice. Muitos acreditam que a maior preocupação com a prevenção médica por parte das mulheres e os maiores riscos aos quais os homens estão sujeitos, como assassinatos, brigas, trabalhos perigosos e outros, fazem com que a mulher tenha uma longevidade superior à do homem (DEBERT, 2004).

Sob esse aspecto, pode-se afirmar que a longevidade feminina se relaciona com a capacidade que as mulheres geralmente possuem para controlar o ambiente (ter domínio sobre as situações que surjam durante todo o curso da vida), mas também com o legado filogenético, ou seja, da história das relações evolutivas. Uma gestação longa, prole pouco numerosa, longos intervalos entre nascimentos e a sociabilidade são determinantes da extensão da longevidade, de forma que o apoio familiar e a integração social passam a ser políticas importantes para aumento da esperança da vida (CAMARANO; KANSO e MELLO *apud* CAMARANO, 2004).

Em relação à longevidade, Maria do Carmo Eulálio observou uma singularidade: “os homens experimentam um pico de mortalidade entre os 60 e 65 anos, mas depois de 70 anos, aqueles que permanecem vivos são mais saudáveis do que as mulheres, que sofrem de doenças crônicas mais debilitantes”. Contudo, destaca que “as mulheres são mais autônomas, elas muitas vezes sobrevivem trinta anos de viuvez. Enfim, elas se viram melhor do que os homens, talvez por estes serem mais ásperos/duros, menos ricos em termos de capacidades associativas” (EULÁLIO, 2015).

Logo, os processos de distinção do modo de viver a velhice devem ser analisados com auxílio de critérios combinados, como gênero e classe social, pois fatores sociodemográficos e demandas psicológicas influenciam esses indicadores que tornam o envelhecimento feminino uma experiência com múltiplas facetas: mulheres das classes baixa e média tendem a aceitar a condição de idosas, frequentam espaços específicos para atendimento das demandas desse grupo (clubes, centros de convivência e universidades abertas para a terceira idade); se libertam de certos controles sociais relativos à reprodução e à vida familiar, em decorrência da liberdade sexual; se utilizam dos novos espaços como símbolos de liberdade, entre outras características (DEBERT, 1999).

Essa libertação de controles sociais, é um fator de forte influência, que faz com que as mulheres se desprendam de antigos costumes sexuais e da valorização do corpo físico jovem, de maneira que as idosas passam a ter percepção diversa dos preconceitos ainda vigentes em relação às pessoas com idade avançada e externam esse olhar em espaços como os Centros de Convivência de Idosos, que são tidos como símbolos de liberdade.

Nesse sentido, Cláudia Lima destaca a diferença entre os locais frequentados pelas mulheres idosas, conforme as classes sociais às quais pertencem, de maneira que as de classe baixa tendem a frequentar grupos de convivência e lazer, nos quais são enfatizadas atividades físicas e sociais e a troca de experiências enquanto as de classe média tendem a frequentar as

universidades que oportunizam atualização e aprendizagem sobre o mundo e sobre si próprias (LIMA, 2011).

Por outro lado, convém destacar a marcante invisibilidade das mulheres nos mecanismos voltados para pessoas idosas, invisibilidade essa que ocorre em duas dimensões: na ausência de dispositivos voltados para as especificidades femininas e na linguagem utilizada na legislação relacionada às pessoas com idade avançada. Ressalte-se que essa invisibilidade feminina decorre de diferentes formas de opressão de gênero vivenciada pelas mulheres ao longo de suas vidas e que permanece com o avançar da idade.

Outra particularidade refere-se à combinação dos efeitos do envelhecimento populacional, da desigualdade social e das mudanças nas práticas sociais relativas ao convívio intergeracional que aumentam a probabilidade de mulheres idosas de todos os níveis sociais viverem sozinhas (LIMA, 2011).

Nesse sentido, há entendimento de que as mulheres idosas geralmente demonstram preferência por viverem sós, tendo em vista que em geral se casaram jovens e, ao ficarem viúvas, apresentam menor interesse em novo casamento, em contraposição ao que ocorre com os homens idosos que tem maior taxa de segundo casamento após se tornarem viúvos. Isso ocorre da circunstância de que grande número de mulheres idosas apresenta condições afetivas, emocionais, econômicas e sociais de manterem-se com qualidade de vida.

É importante destacar que pesquisas da área de gerontologia apontam que as mulheres estão mais expostas à solidão e à pobreza ao atingirem idade mais avançada, além de deterem maiores taxas de institucionalização (permanência em asilos), possuem mais risco de morbidade e têm menos oportunidade de contar com um companheiro ao alcançarem idade mais avançada.

De outro lado, é de se notar que as mulheres idosas procuram visibilidade e ressignificação de seus interesses em espaços associativos, participam mais do que os homens em atividades extradomésticas – de organização de movimento de mulheres, cursos e viagens, por exemplo – e, por isso, atuam de modo mais significativo em programas voltados para esse segmento (PAPALÉO NETTO, 2003; CAMARANO, 2004).

Nessa lógica, Ana Maria Marques afirma que: "Feminilidades e masculinidades são culturalmente marcados por valorações desiguais, com padrões diferenciados e diferentemente valorados de comportamentos e funções atribuídos como próprios de cada gênero, nas diferentes culturas" (MARQUES, 2004).

Ademais, a mesma autora expõe que os homens têm dificuldades em admitir serem idosos, provavelmente em decorrência dos estereótipos que lhes impõem a virilidade e a produtividade econômica como características durante toda a vida e presentes na velhice.

Ainda, com relação ao assunto, Guita Grin Debert afirma que as mulheres demonstram maior entusiasmo na realização de atividades propostas em grupos de convivência, contrastando com a atitude de reserva e indiferença dos homens (DEBERT, 2004).

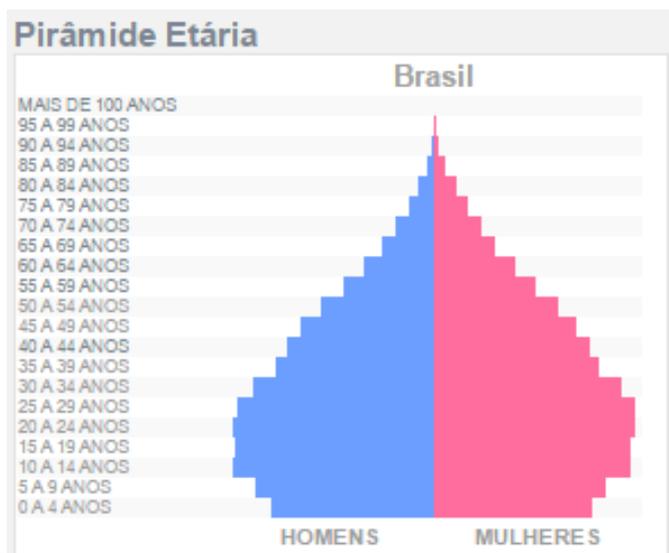
No Centro de Convivência de Idosos estudado apurou-se que a frequência majoritária é de mulheres (68,68%) e, entre os cadastros em que há informação sobre a renda e a escolaridade, averiguou-se que há maior quantidade de pessoas de classe social e grau de escolaridade baixos. De mais a mais, pode-se inferir que as mulheres abarcadas por essa política pública tiveram, em geral, menos acesso à educação formal e também menor renda, conforme se nota em alguns relatos:

Eu, como eu morava só no sítio, né, eu nunca estudei fora [...] (Entrevista 1)

Nós estudava em casa, sabe, porque quando nós morava no sítio [...], as professora os pais da gente pagava prá nós estuda em casa, né, porque era longe prá ir prá escola. (Entrevista 3)

Há autores que entendem que as mulheres idosas possuem mais visibilidade social, não apenas pelo fato de serem mais numerosas, mas também por estarem mais envolvidas na conquista de espaços na sociedade e criarem novas demandas para as instituições e agentes sociais (LIMA, 2011).

O gráfico relativo à pirâmide etária brasileira, divulgado pelo Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística – IBGE – resultante do Censo Demográfico de 2010, demonstra que as mulheres são o contingente populacional mais numeroso no Brasil, particularmente quando se analisa a faixa de idade mais avançada em comparação à faixa de idade mais nova, cujo indicativo é de mais nascimentos de homens do que de mulheres no país.



Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2010

**Tabela 2- Pirâmide Etária do Brasil (2010)**

Idade	Brasil		Idade	Brasil	
	Homens	Mulheres		Homens	Mulheres
<b>0 a 4 anos</b>	7.016.614	6.778.795	<b>55 a 59 anos</b>	3.902.183	4.373.673
<b>5 a 9 anos</b>	7.623.749	7.344.867	<b>60 a 64 anos</b>	3.040.897	3.467.956
<b>10 a 14 anos</b>	8.724.960	8.440.940	<b>65 a 69 anos</b>	2.223.953	2.616.639
<b>15 a 19 anos</b>	8.558.497	8.431.641	<b>70 a 74 anos</b>	1.667.289	2.074.165
<b>20 a 24 anos</b>	8.629.807	8.614.581	<b>75 a 79 anos</b>	1.090.455	1.472.860
<b>25 a 29 anos</b>	8.460.631	8.643.096	<b>80 a 84 anos</b>	668.589	998.311
<b>30 a 34 anos</b>	7.717.365	8.026.554	<b>85 a 89 anos</b>	310.739	508.702
<b>35 a 39 anos</b>	6.766.450	7.121.722	<b>90 a 94 anos</b>	114.961	211.589
<b>40 a 44 anos</b>	6.320.374	6.688.585	<b>95 a 99 anos</b>	31.528	66.804
<b>45 a 49 anos</b>	5.691.791	6.141.128	<b>Mais de 100 anos</b>	7.245	16.987
<b>50 a 54 anos</b>	4.834.828	5.305.231			

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Proporcionalmente, pode-se afirmar que a redução do quantitativo de homens idosos é patente, principalmente na faixa de idade de 70 anos e mais, o que colabora para reforçar o “fenômeno da feminização do envelhecimento”.

No Centro de Convivência de Idosos analisado, conforme registros documentais, foi possível apurar que de um total de 265 pessoas idosas cadastradas, 181 são do sexo feminino e 84 do sexo masculino.

A pesquisa documental demonstrou ainda que, com relação à faixa etária dos usuários, há maior participação de pessoas com idades entre 61 e 70 anos (predominantemente

mulheres – 30,19%), seguidas por aquelas com idades variando entre 71 e 80 anos (prevalendo mulheres – 17,74%). Também há pessoas com idade inferior a 60 anos (imperando mulheres – 2,26%) e, da mesma forma, idosos com idade superior a 81 anos (nesse caso, majoritariamente homens – 3,77%).

Por isso, pode-se dizer que os elementos obtidos nos documentos do Centro de Convivência fortalecem e corroboram com a caracterização da problemática de gênero. Por outro lado, essa referência traz também a compreensão de que é importante e necessário que as políticas alusivas às pessoas idosas se voltem para a articulação de atividades de estímulo à participação de idosos de forma mais efetiva.

Outro dado interessante do CCI sob estudo se refere ao quantitativo de mulheres pensionistas em comparação aos homens (14,34% e 1,13%, respectivamente), que demonstra que, embora o Brasil tenha passado por mudanças em sua organização social com maior inserção feminina no mercado capitalista de produção, as mulheres dessa geração de idosas ainda aparecem fora do mercado de trabalho durante a vida adulta, por vezes/talvez, para cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

É notória a presença mais efetiva dos homens nas atividades físicas, ocasião em que aparentam maior integração com as mulheres. Outrossim, no tocante à inclusão masculina, verificou-se que existe muito interesse nos jogos de mesa, principalmente, sinuca ou bilhar, atividade com volume considerável de participantes do sexo masculino, que exprimem muita descontração, alegria, interação e receptividade entre si.

Inferese que até o momento não há ações eficientes e concretas para maior integração dos homens nas atividades propostas no Centro de Convivência estudado, tendo em vista que estes são minoria no acesso a esse equipamento, em certos casos, por entenderem que as ações são mais voltadas ao público feminino, como é o caso dos cursos de artesanato e de algumas oficinas, por exemplo, além de manifestarem maior objeção a participarem de algumas das ações propostas, ou mesmo por terem compromissos de trabalho (informal), conforme se afigura nos trechos de algumas entrevistas:

Esse caso de ter mais mulher de que homem aqui, não tem problema, não. Homem morre mais mesmo e tá mais escasso mesmo, e sempre o homem tem alguma coisa prá fazer e a mulher é sempre mais, fez a obrigação de casa, aí já vem fazê as atividade. (Entrevista 5)

Tem mais mulheres, sim. Acho que deveria de ter, né, mais um pouquinho de atividades pros homens [...]. (Entrevista 6)

Agora, os homens não vem porque eles trabalha, né? Não tem interesse também de vim, né? Não gosta, às vez, né? (Entrevista 7)

[...] Então, eu acho que é porque eles não tem vontade de vim, não se interessa. Apesar que, nós mulher, eu tenho essa impressão, parece que os homem, tem uns homem que são mais acomodado, né, fica em casa, numa boa. Já a mulher, a mulher faz um servicinho e já parte prá cá. (Entrevista 9)

[...] eu acho que o homem é assim, se acomoda, prefere ficar sentadinho lá, vendo o trem passar, como se diz, né. Então, não ligam muito. Eu acho que é assim porque aqui tem homem que até faz aquele trabalho manual, tinha um senhor fazendo... a coisa mais linda! Então, eu acho que tem muito preconceito também. (Entrevista 11)

Ah! Os homem são mais paradão, mais acomodados, é. Porque às vezes não tá nem trabalhando, mas não vem! Eu vejo cara que fica o dia inteiro embaixo de uma árvore, tomando tereré. Eu já chamei, tem pessoa que eu já chamei. Não vem! [...]. (Entrevista 12)

Em tempo, várias dos entrevistados assinalaram que os cursos, oficinas e palestras ofertados no CCI contribuem para seu enriquecimento intelectual e concorrem para o aprendizado, instrução e conhecimento, enfim, são fontes importantes para promoção de autonomia e independência dos indivíduos.

Ademais, o acesso a instrumentos modernos de comunicação (como a internet, por exemplo), bem como, cursos e oficinas voltados para novas áreas de conhecimento propiciam uma mudança das representações dos frequentadores sobre si mesmos e sobre pessoas próximas, conforme se depreende de alguns relatos:

Teve muita mudança. [...] Melhorou muito a vida da gente, como melhorou! Me trouxe novos aprendizados, novas amizades. (Entrevista 2)

[...] tô também na informática, mas é difícil, fia, aquilo ali. Hum... ela (a **professora**) põe umas coisa difícil prá gente fazê, né, mas é gostoso! Devagarzinho... Eu falo prá ela: Ninguém nasce aprendido, né? E ela é muito paciente com nós, ela vai lá e ensina, explica como é que é, né, ajuda a gente. É gostoso, sim. (Entrevista 3 – destaque e grifo nossos)

[...]faço curso de computação, informática... é... informática. E agora acho que vou entrar na aula de violão, prá ficar mais tempo envolvido. (Entrevista 12)

Convém destacar que o empoderamento das pessoas idosas no Brasil objetiva a promoção do desenvolvimento social, através da consolidação de diferentes intervenções práticas voltadas para o grupo, sendo a educação, enquanto prática social, um instrumento propício à aprendizagem constante, tornando possível uma transformação cultural e social, especialmente ao se considerar as diferenças relacionadas à educação formal e o acesso de mulheres e homens a esta.

Assim, a instrução pode influenciar os debates acerca do envelhecimento, tornar o movimento social mais forte e atuante, bem como, propiciar maior esclarecimento sobre essa temática, de modo que as políticas públicas sejam formuladas e implantadas em conformidade com as reais necessidades do segmento.

No que concerne à feminização do envelhecimento, há autores que abordam o assunto, considerando pontos positivos e negativos em relação à situação da mulher idosa. Um fato que pode ser ressaltado relaciona-se com o aumento da longevidade e sua interferência na composição familiar – com a percepção de mais de uma geração de idosos numa mesma família – o que ocasiona para a mulher a tarefa de cuidar de familiares (papel social), razão pela qual, num futuro próximo, facilmente se notará um maior número de mulheres idosas desempenhando papel de cuidar de outras mulheres com idade avançada, como mães, tias e avós, por exemplo (SALGADO, 2002).

Por esse motivo, entende-se ser importante a formulação de políticas públicas e o desenvolvimento de pesquisas direcionadas para o aspecto social e, fundamentalmente com consideração às especificidades das mulheres idosas, pois assim poderá haver maior alcance e efetividade das ações para essa parcela populacional.

### **Considerações finais**

O crescimento da população idosa é um fenômeno mundial e um grande desafio. Trata-se de um processo caracterizado pelo aumento da longevidade da população e que ocorre de diferentes formas para mulheres e homens.

O envelhecimento humano propicia o debate de diversas áreas do conhecimento, com intuito de proporcionar qualidade de vida para as pessoas idosas e, no caso das mulheres, o processo de envelhecimento gera danos emocionais em consequência da discriminação que elas sofrem em virtude do avançar da idade, em razão do sexismo e da ideia de que estão decedentes por não terem mais capacidade reprodutiva.

Desse modo, a sobrevivência da mulher (longevidade) parece estar vinculada à habilidade de corresponder aos padrões sociais impostos ou estabelecidos e que reforçam o poder masculino, o qual levou as próprias mulheres (até mesmo as feministas) a incorporarem uma aversão ao envelhecimento, uma vez que – ao passarem parte de suas vidas esforçando-se para ajustarem-se aos modelos de beleza impostos socialmente – o avanço da idade tornou-se uma condição ameaçadora e, por isso mesmo, muito temida.

É importante considerar que a longa duração da vida feminina não é sinônimo de qualidade de vida, tendo em vista o acúmulo de desvantagens que as mulheres têm durante sua existência – como discriminação, violência, dupla jornada de trabalho, entre outras – o que induz à maior probabilidade de dependência de recursos externos. Ainda, convém acrescentar que muitas mulheres idosas assumem papel de chefiar as famílias, sendo suporte

afetivo, emocional e até mesmo financeiro de outras gerações, o que ocasiona maiores responsabilidades e papéis sociais.

A pesquisa demonstrou que a elaboração e implantação de políticas públicas é fundamental para melhoria da qualidade de vida das mulheres com idade avançada e, embora estas tenham mais acesso à política denominada Centro de Convivência de Idosos, ainda há muito a ser debatido, avaliado e executado para a efetividade dessa política na cidade de Dourados-MS.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice.** São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: USP, FAPESP, 2004.

EULÁLIO, M. do C. **A resiliência no campo do envelhecimento.** IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano: Mesa Redonda – Perspectivas de Pesquisas sobre o Envelhecimento e Longevidade. Campina Grande-PB. 2015

GOLDMAN, S. N. Velhice e direitos sociais. In: GOLDMAN, S. N.; PAZ, S. F. (Org.). **Envelhecer com cidadania.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Timing Publicidade, 2000.

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – **Indicadores Sociodemográficos** – Prospectivos para o Brasil 1991-2030. Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980 – 2050.** Projeção de População, grupos especiais. Revisão 2008. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=POP305&t=revisao-2008-projecao-populacao-grupos-especiais>> Acesso em: 26.11.2015.

\_\_\_\_\_. **Indicadores Infográficos: evolução populacional e pirâmide etária.** 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=500370&search=mato-grosso-do-sul|dourados|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>> Acesso em: 18.01.2016.

LIMA, C. R. V. **Políticas Públicas para Idosos: A realidade das instituições de longa permanência no Distrito Federal.** Brasília: Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Legislativo e Políticas Públicas do CEFOR, 2011. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>> Acesso em: 02.04.2015.

MARQUES, A. M. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 11, n. 11, jan. 2004.

ISSN 2175-7976. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336>> Acesso em: 22.07.2014.

MENDES, M. R. S. S. B. *et. al.* **A situação social do idoso no Brasil:** uma breve consideração. Acta Paul Enfermagem, São Paulo-SP, v. 18, n. 4, 2005. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>> Acesso em: 30/06/2014.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e termos básicos. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

PAPALÉO NETTO, M.; YUASO, D. R. e KITADAI, F. T. **Longevidade:** desafio no terceiro milênio. São Paulo: Revista O Mundo da Saúde, 2005.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. In: **Estudos interdisciplinares de envelhecimento.** Porto Alegre: 2002.

SANT'ANA, A. de. **O Centro de Convivência como proposta para a vivência saudável do envelhecimento.** Disponível em: <<http://www.dasm.mar.mil.br/artigo05.php>> Acesso em 26.06.2014

